

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**  
**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura**  
**e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a**  
**agricultura**

**Área Temática: Negociações Internacionais.**

**Período de Análise: 01/12/2016 a 31/12/2016**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Site Eletrônico da ABAG  
Carta Capital

**Estagiária: Ananda da Silveira**

**Índice:**

<b>Parceria comercial.</b> Site do MAPA, 04/12/2016.....	3
<b>Indicação de Trump para agência ambiental coloca em risco Acordo de Paris.</b> Cesar Baima. Site eletrônico – O Globo, 09/12/2016. ....	4
<b>Na COP 13, países discutem contas econômicas ambientais.</b> Site do MMA, 14/12/2016.....	7

## **Parceria comercial. Site do MAPA, 04/12/2016**

Brasil e México devem estreitar relações no agronegócio

Ministros Blairo Maggi e José Calzada se encontraram durante conferência da Biodiversidade, em Cancún

Em encontro com José Calzada, ministro da Agricultura, Pecuária, Desenvolvimento Rural, Pesca e Alimentação do México, país que sedia a COP 13 da Biodiversidade, o ministro Blairo Maggi (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) estreitou o diálogo e pediu abertura para a carne bovina brasileira. Blairo explicou, em agenda paralela à Conferência da Biodiversidade, que, “nos últimos 30 anos, o rebanho brasileiro aumentou enquanto diminuiu a área de pastagem graças ao melhoramento genético”.

Calzada demonstrou interesse em vir ao Brasil para ampliar as parcerias comerciais, principalmente de grãos. Há especial atenção dos mexicanos em relação à Embrapa, nos que se refere ao extencionismo e tecnologia agrícola, alcançando melhoramento do café, por exemplo. O presidente da Embrapa, Maurício Lopes, disse que a colaboração com o México tem sido muito boa. E que há um bom espaço para aumentar a cooperação.

A transferência de tecnologia brasileira deve ser associada à abertura de mercado para o Brasil, destacou o ministro Blairo Maggi. “E acho que isso é o que o México e o Brasil podem fazer. Mexicanos são bem-vindos. Podemos fazer uma agenda com governo e iniciativa privada”, disse o ministro.

O México também tem interesse em vender aos brasileiros material genético da raça Angus e atum, fazendo intercâmbio na área de pesca. O ministro Blairo reforçou com humor: “Vamos trabalhar, vamos abrir o mercado. Se não me compra carne de boi, não te compro peixe”. E elogiou a embaixadora no Brasil, Beatriz Paredes, afirmando ser “muito ativa”.

O ministro mexicano disse considerar “muito importante a aproximação política entre Brasil e México”. Um dos objetivos é diversificar e ampliar a pauta de comércio. A missão deve vir ao país no primeiro semestre do próximo ano.

---

**Indicação de Trump para agência ambiental coloca em risco Acordo de Paris.  
Cesar Baima. Site eletrônico – O Globo, 09/12/2016.**

O procurador-geral do estado de Oklahoma Scott Pruitt chega na Trump Tower na tarde da última quarta-feira para se reunir com o presidente eleito Donald Trump: adversário ferrenho da política climática de Obama, ele foi indicado para chefiar a Agência de Proteção Ambiental dos EUA no novo governo - Spencer Platt/Getty Images/AFP

Qualquer esperança de que o presidente eleito dos EUA, Donald Trump, abandonasse, ou ao menos amenizasse, sua retórica de ceticismo quanto às mudanças climáticas provocadas pela ação da Humanidade virou literalmente fumaça com o anúncio da indicação, anteontem, do procurador-geral do estado de Oklahoma, Scott Pruitt, para chefiar a Agência de Proteção Ambiental do país (EPA, na sigla em inglês). Adversário ferrenho da política climática do atual presidente Barack Obama, Pruitt é um dos líderes de uma batalha legal com a participação de 28 estados americanos e centenas de empresas e grupos de interesse contra a própria EPA e seu Plano de Energia Limpa, um conjunto de regulamentações e metas lançado por Obama que está na base da maneira como os EUA pretendem cumprir seus compromissos de cortes nas emissões de gases do efeito estufa dentro do Acordo de Paris, assinado no ano passado. O plano tem como principal alvo as em geral ineficientes, e altamente poluidoras, usinas movidas a carvão, das quais o país, e Oklahoma, obtêm boa parte de sua eletricidade.

- Por muito tempo a Agência de Proteção Ambiental gastou dólares dos contribuintes em uma descontrolada agenda antienergia que destruiu milhões de empregos enquanto também enfraqueceu nossos fazendeiros e muitos outros negócios e indústria a cada turno – justificou Trump em comunicado sobre a escolha, divulgado ontem, acrescentando que Pruitt “vai reverter esta tendência e restaurar a missão essencial da EPA de manter nosso ar e água limpos e seguros”. - Minha administração acredita fortemente na proteção ambiental, e Scott Pruitt será um poderoso defensor desta missão ao mesmo tempo em que promove a criação de empregos, a segurança e a oportunidade – concluiu o presidente eleito.

Pruitt, porém, é conhecido por suas ligações com a indústria dos combustíveis fósseis, muito forte em Oklahoma, tanto que chegou a ser classificado como “marionete” da mesma pela organização ambiental 350.org, também em comunicado sobre sua indicação divulgado ontem. Outro exemplo da submissão de Pruitt aos interesses desta indústria foi

revelado por investigação do jornal americano “New York Times” vencedora do prestigiado prêmio Pulitzer no ano passado.

De acordo com a reportagem, parte de uma série publicada em 2014, em 2011 o procurador-geral de Oklahoma enviou cartas com o timbre de seu escritório e assinatura para a EPA, o Departamento do Interior, o Escritório de Gestão e Orçamento da Presidência (algo como a Secretaria de Governo no Brasil) e até próprio presidente Obama reclamando das regulamentações e estimativas da agência ambiental com relação à poluição provocada pela exploração de petróleo e gás no estado.

O problema, mostrou o jornal, é que o texto de três páginas das cartas foi escrito em grande parte por advogados da Devon Energy, uma das maiores companhias petrolíferas de Oklahoma, e entregue ao procurador-geral do estado pelo lobista chefe da empresa, William F. Whitsitt, com apenas umas poucas palavras trocadas pela sua equipe. Pruitt, que em sua biografia oficial na internet se autodefine como “um líder da defesa contra a agenda ativista da EPA”, por sua vez retrucou que é seu dever como procurador-geral defender os interesses e bem-estar do povo e de Oklahoma, o que inclui o setor de energia, um dos maiores motores da economia do estado.

- O povo americano está cansado de ver bilhões de dólares escorrerem da economia devido a regulações desnecessárias da EPA, e pretende tocar esta agência de uma maneira que fomente tanto a proteção responsável do meio ambiente quanto a liberdade para os negócios americanos – destacou Pruitt no mesmo comunicado de Trump sobre sua indicação.

A nomeação de Pruitt para a chefia da EPA foi recebida com um misto de preocupação e resignação por organizações e ativistas da área ambiental, mas também com uma certa dose de confiança. Isto porque nem ele nem Trump terão poder para revogar o Plano de Energia Limpa caso este seja aprovado pela Justiça na batalha que deve se estender até a Suprema Corte do país. Por outro lado, Pruitt, como chefe da agência ambiental, pode simplesmente não buscar impor sua aplicação. Assim, seriam muito pequenas as chances de os EUA cumprirem a meta voluntária de reduzirem suas emissões de gases-estufa em 17% na comparação com os níveis de 2005 até 2020, quando acaba este mandato de Trump, um importante passo para que o país - segundo maior poluidor do mundo, responsável por cerca de 15% das emissões globais - também possa cumprir o

compromisso de cortar estas mesmas emissões 26% a 28% até 2025 assumido no Acordo de Paris.

- Num momento em que as mudanças climáticas são a grande ameaça ambiental para todo o planeta, é triste e perigoso que Trump tenha nomeado Scott Pruitt para liderar a EPA – resumiu Bernie Sanders, ex-pré-candidato democrata à Presidência dos EUA e agora senador independente pelo estado de Vermont, integrante do comitê que precisa confirmar a indicação. - O povo americano deve exigir líderes dispostos a afastar nosso sistema de energia dos combustíveis fósseis. Vou me opor vigorosamente a esta nomeação.

E agora é justamente o fator econômico que levou Trump a indicar Pruitt para a agência a maior esperança de ativistas e ambientalistas para que os EUA continuem no caminho da redução de suas emissões de gases-estufa, mesmo com descrentes do aquecimento global causado pelo homem, como ambos, no poder no país.

O fato de Pruitt ou Trump acreditarem ou não na influência humana no aquecimento global não é tão importante porque o que está em jogo atualmente é muito mais o interesse econômico – diz Suzana Kahn-Ribeiro, presidente do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC). - A economia dos EUA já está ganhando com o esforço mundial para redução das emissões, então é do interesse do país que as metas sejam cumpridas. Tanto que os avanços que vimos até agora nesta questão foram mais por conta de questões econômicas do que de um aumento do conhecimento científico sobre o assunto, de como a ação humana está aumentando a temperatura da Terra. Acho que o próprio mercado vai se encarregar de empurrar os EUA para o cumprimento de suas metas de forma que o país não perca este bonde da História e cheguem no futuro com um mico na mão, aprisionados a uma tecnologia antiga e uma estrutura obsoleta que serão muito ruins para sua competitividade econômica.

Carlos Rittl, secretário-executivo do Observatório do Clima, também acredita que a gestão Trump sofrerá pressão do próprio mercado para seguir em frente com o corte nas emissões, lembrando que no ano passado a indústria de energia solar superou as de extração de petróleo e gás e mineração de carvão em número de empregos gerados.

- E se Trump e Pruitt não dão a mínima para as mudanças climáticas, as mudanças climáticas também não dão a mínima para quem é o presidente dos EUA, e vão cobrar a conta da inação — destaca. — Eles podem parar as ações climáticas do governo

americano, mas não serão capazes de conter o próximo incêndio florestal na Califórnia ou o próximo furacão que atingir os EUA.

---

**Na COP 13, países discutem contas econômicas ambientais. Site do MMA, 14/12/2016.**

*Diretor do Ministério do Meio Ambiente apresenta, em Cancun, os avanços relacionados à água no Brasil.*

A contribuição dos ecossistemas para a economia foi, mais uma vez, tema de debate em evento paralelo (*side event*) da 13ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica (COP 13), que ocorre em Cancun, no México. Com o tema Contas Ecosistêmicas Experimentais, o evento organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) reuniu representantes de diferentes países na terça-feira (13/12). Especialistas do Ministério do Meio Ambiente (MMA) participaram do evento.

“Os ativos ambientais e os serviços ecossistêmicos do Brasil são de importância crucial para a resiliência de setores econômicos significativos, como agricultura, energia, pesca e silvicultura”, afirmou no evento o diretor de Conservação de Ecossistemas do MMA, Carlos Alberto Scaramuzza.

Para o diretor, apesar da enorme contribuição do capital natural para o desenvolvimento socioeconômico e para o bem-estar humano do país, “essa dependência ainda não se reflete plenamente no desenvolvimento e implementação de políticas públicas e práticas empresariais”.

#### LIÇÕES APRENDIDAS

O objetivo do evento foi discutir a implementação e as lições aprendidas com o Sistema de Contas Econômicas Ambientais da ONU (SEEA), projeto que tem por objetivo realizar pilotos com a metodologia das Nações Unidas em sete países: Butão, Chile, Indonésia, Ilhas Maurício, México, África do Sul e Vietnã. Esse projeto é coordenado pelo Pnuma, em parceria com a Divisão de Estatísticas da ONU e a Convenção da Diversidade Biológica (CDB).

Carlos Alberto Scaramuzza explicou que o Sistema de Contas Econômicas Ambientais da ONU (SEEA) surgiu como uma ferramenta no apoio às políticas ao propor a integração entre informações ambientais e atividades econômicas. “Queremos integrar a informação ambiental nas discussões de desenvolvimento econômico e de planejamento e servir para reconhecer as conexões entre os objetivos da política ambiental e os resultados mais amplos para a sociedade”, afirmou o diretor.

Sobre a importância do projeto, ele afirmou que “não é possível gerir aquilo que não se mede”, daí a necessidade de quantificar a contribuição dos ecossistemas para a economia do país. Na reunião em Cancun foram analisadas as próximas etapas na implementação da metodologia do projeto.

## AVANÇOS

No que se refere especificamente às Contas Econômicas Ambientais da Água (SEEA-Water), a Divisão de Estatísticas da ONU publicou, em 2012, o guia metodológico para que os diversos países possam sistematizar as informações disponíveis e mensurar as interações entre a economia e o meio ambiente com relação a água. Além disso, em 2013 a Comissão de Estatísticas das Nações Unidas encorajou os países e as agências internacionais e regionais a testar uma nova área da estatística: as Contas Ecosistêmicas Experimentais (SEEA-EEA), que buscam integrar os benefícios e serviços providos pelos ecossistemas nos padrões de indicadores macroeconômicos.

O diretor do MMA apresentou em Cancun os avanços do Brasil com relação às Contas Econômicas de Água no Brasil. “Em maio de 2012 foi assinada uma Portaria Interministerial que instituiu oficialmente o Comitê Gestor e o Grupo Executivo das Contas Econômicas Ambientais da Água no Brasil, que tem por objetivo elaborar as Contas Econômicas Ambientais da Água, observando e adaptando as recomendações e boas práticas internacionais sobre o tema”, disse Scaramuzza.

Dessa forma, por meio da parceria entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Agência Nacional de Águas (ANA) e os ministérios do Planejamento e do Meio Ambiente, estão sendo desenvolvidos elementos metodológicos para o acompanhamento e o monitoramento das interações entre a economia e os recursos hídricos, no contexto das Contas Nacionais.

## COMPROMISSO GLOBAL



A demanda crítica de políticas globais para o avanço das contas econômicas ambientais é expressa no Plano Estratégico para a Biodiversidade 2011-2020. O objetivo 2 das Metas de Aichi manifesta o comprometimento dos governos em integrar, até 2020, os valores da biodiversidade nas estratégias nacionais e locais de desenvolvimento e de redução da pobreza e nos processos de planejamento, e a incorporá-los nas contas nacionais e sistemas de informação.

---

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,  
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,  
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,  
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,  
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto

**Secretária**

Diva de Faria

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**cpda** **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**  
**em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**  
**UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa